

INFLUÊNCIA DAS IDÉIAS DOS FILÓSOFOS NO DISCURSO DE MONTEIRO LOBATO

Shirley Cabarite da Silva (FATEA)
scabarite@uol.com.br

Dentre as muitas manifestações de Monteiro Lobato sobre a língua nacional, por meio de cartas a amigos, pode-se vislumbrar o pensamento de Darwin e de Spencer sobre a lei da evolução das espécies: a sobrevivência dos mais fortes a partir da seleção natural e a substituição do culto à divindade pelo culto à humanidade. A partir daí, apontam-se Hegel, Scheleicher e Whitney, que, seguindo a linha dos dois estudiosos, vêm influenciar o pensamento sobre a língua dos gramáticos brasileiros. Os conceitos gramaticais ensinados na escola, dentro deste contexto, podem ser detectados na metalinguagem de Monteiro Lobato.

De acordo com Kristeva (1969), Scheleicher, referindo-se à tese de Darwin sobre a seleção natural dos organismos na luta pela existência, considera que ela tanto diz respeito às línguas como aos organismos vivos. Por outro lado, e sempre dentro das idéias de Darwin, as teses lingüísticas de Scheleicher parecem transpor a concepção hegeliana, segundo a qual uma língua é mais rica quando não está desenvolvida, portanto, no estado primitivo dos povos, pelo contrário, empobrece-se com o avanço da civilização e da formação da gramática. O objetivismo lingüístico que leva Schleicher a considerar a língua como um organismo submetido a leis necessárias, fez do lingüista alemão um dos pioneiros da lingüística geral que se sucedeu à lingüística histórica. O desenvolvimento das ciências nos finais do século XIX, coroado pela criação de uma ideologia positivista que encontrou a sua expressão em Augusto Comte (1789-1857), não encorajou apenas o rigor das investigações lingüísticas, afastando-se cada vez mais das considerações filosóficas gerais, mas viu também aparecerem os sinais precursores de uma verdadeira ciência lingüística autônoma, destacada da gramática e da filologia.

Segundo a autora, Whitney um pouco mais tarde (1827-1894), se opõe às doutrinas vigentes, principalmente à de Schleicher, inserindo-o numa lingüística psicológica. A grande tese de Whitney que contrariou a de Schleicher e de Max Müller é a de que a língua

CRÍTICA LITERÁRIA I

não é um fato natural, mas um fato social. Logo, a lingüística não é uma ciência natural, mas histórica. A grande inovação dessa idéia está no fato de que o termo 'organismo' na época atingia o campo da metafísica. Para ele, a linguagem não é uma faculdade, mas deve ser estudada como uma instituição de invenção humana. Há também a tese de que a linguagem é um utensílio da comunicação: a linguagem é um instrumento, não um poder, uma faculdade; "é um produto mediato deste pensamento, um instrumento."

Essas duas correntes dos estudos lingüísticos, a histórica e a biológica vão servir de base para os gramáticos brasileiros poderem opor sua gramática à dos gramáticos portugueses, numa postura nacionalista. E é essa mentalidade, esse tipo de influência que Lobato herda. No Brasil, nos finais do século XIX, os modelos teóricos científicos consumidos pela elite (e Lobato faz parte desta classe) são aqueles que vêm da Europa e dos Estados Unidos, isto é, os modelos evolucionista e social darwinista. É uma forma que a monarquia brasileira enriquecida pela produção cafeeira encontra para diferenciarse das demais repúblicas latino-americanas, demonstrando civilidade.

Segundo Schwarcz (1995), o que se valoriza nesse momento não é tanto o avanço científico, entendido enquanto incentivo a pesquisas originais, mas uma certa ética científica, uma cientificidade difusa e indiscriminada. Prova disso é o consumo de livros de divulgação científica e não o dos relatórios originais, penetrando, inicialmente, a ciência no Brasil, como modismo. Nos jornais desse período, mais especificamente, no jornal Província de São Paulo, futuro O Estado de São Paulo, criado em 1875 pelas elites econômicas paulistas, e que se auto-intitula como periódico moderno, publica todo um ideal evolutivo-positivista, divulgando mestres europeus como Darwin, Spencer e Comte, como se pudesse livremente associar conceitos como ciência e modernidade. Logo, a moda científica entra no Brasil através da literatura e não da própria ciência.

Não é de se estranhar, portanto, que, por trás da forma de comportamento da geração dessa época(primeiro quartel do século XX), não estejam idéias, embora fragmentadas e difusas, desses teóricos estrangeiros. É nesse contexto que viveu Lobato. Fazendo parte da classe burguesa, aluno da Faculdade de Direito e vivendo a maior

parte de sua vida em São Paulo, suas idéias são as de grupos de intelectuais que se posicionam contra a arbitrariedade governamental e, por isso, são considerados comunistas, arruaceiros e anarquistas. A oposição aos sistemas instaurados, seja na política seja na literatura, e a celeuma sobre a língua nacional, constituem uma forma de comportamento desses grupos, na maioria estudantes e escritores.

Monteiro Lobato se demorava mais na leitura de Spencer e de Comte, em moda na época. Como se sabe, Herbert Spencer é um dos maiores representantes do positivismo inglês (1820-1903), famoso por defender a lei da evolução. Esta foi formulada antes da lei do naturalista Carlos Darwin. Para Darwin, a criação do órgão parte da função que exerce e não a sobrevivência somente dos mais fortes a partir da seleção natural. O mesmo vale para a vida espiritual, teórica e prática. (cf. Padovani e Castagnola, 1993)

Augusto Comte, maior representante do positivismo francês (1798-1857) defendeu a idéia de que não se investigam as causas e a essência metafísica dos fenômenos, mas procura-se apenas fixar as leis sempre mais gerais, as relações constantes de sucessão ou de semelhança entre os próprios fenômenos, entre os fatos entendidos positivisticamente. O culto à divindade é substituído pelo culto da humanidade. Esta seria a mais complexa, a mais rica forma de realidade que a ciência positiva possa atingir. Seria uma atitude superior e mais real do que os próprios indivíduos.

Do aspecto político e social, a evolução cultural estaria sujeita a leis naturais invariáveis, que excluem qualquer intervenção de vontades superiores. Estas idéias filosóficas permeiam a ciência de modo geral do início do século. Portanto, não é difícil perceber que representam o fio condutor do discurso não só de Lobato, mas também dos gramáticos brasileiros.

As gramáticas brasileiras do final do século XIX são objetos que, conscientemente ou não, os intelectuais desta época produzem com a intenção de firmar o Brasil como uma sociedade onde o saber é constituído, não propondo somente o saber da língua, mas a construção de um aparelho institucional (tecnologia científica e institucional) porque o Brasil sabe sua língua. (cf. Aouroux e Orlandi, 1998) O processo de gramatização brasileira é fortemente marcado, de um lado, pela relação que o Brasil tem com as idéias filosóficas e científicas.

CRÍTICA LITERÁRIA I

ficas de outros países, exceto Portugal, de outro, pela instituição escolar brasileira que é, por si mesma, o seu lugar a partir da fundação do Liceu Dom Pedro II.

Até 1887, o ensino no Brasil apresentou pouca novidade. Freire da Silva (4ª ed., 1883), em São Paulo, mostra uma doutrina gramatical apoiada nos métodos de Sotero dos Reis, ensinando o português através da gramática histórica. Em 1885, Júlio Ribeiro segue o mesmo percurso; imperavam na gramática, os métodos da escola clássica logicista. “Liam-se os compêndios de Soares Barbosa, de Lage e de Bento de Oliveira, autores portugueses mais conceituados entre nós”. Após esta data, para ensinar pelas doutrinas novas, não era preciso decorar quadros e classificações gramaticais.

Era indispensável o conhecimento da língua, através da leitura dos clássicos e das leis da lingüística. Os defensores do antigo método acreditavam que este novo veio somente para atrapalhar o ensino. Eduardo Carlos Pereira surge no momento certo, pois em 1907, o professor paulista propõe retorno à velha forma de ensinar, recuperando o método de Freire da Silva, isto é, o ensino através da análise lógica. Daí o grande sucesso da gramática de Eduardo Carlos Pereira nas escolas. Contudo, surgem várias gramáticas embasadas pelo novo método, com o objetivo de romper com as tradições portuguesas da gramática filosófica. Embora os gramáticos buscassem esse afastamento, continuaram, em verdade, a fazer gramática a partir de modelos literários portugueses, vigiando e condenando os escritores que fugissem desses modelos.

Nessa época, já penetrava o pensamento alemão no Brasil. Eduardo Carlos Pereira (1939), mistura critérios históricos e genéticos para tratar de língua, apresentando os conceitos defendidos por Schleicher, Whitney e outros estudiosos. Somam-se a tais idéias a noção do certo-errado. Afirma o gramático que

...a linguagem propriamente dita é, no sentir de Whitney e outros glotólogos, exclusiva do homem, é seu apanágio, a sua faculdade entre todos os animais. A língua, pois, é a expressão correta e específica do pensamento, as formas concretas da linguagem. Entre essas formas concretas e históricas da linguagem, notam-se três categorias – línguas vivas, mortas e extintas. (p. 12)

O mesmo faz na carta ao amigo Rangel. Quando compara a língua com as árvores da Praça da República e com o nariz na cara,

nos faz lembrar que Schleicher também compara a língua com as árvores, com organismos.

Na carta ao amigo Veríssimo, Monteiro Lobato nos dá definição de estilo e de língua em consonância com a idéia vigente na lingüística do século XIX: a língua é um organismo.

(...) Estilo é como o nariz na cara: cada qual o tem como Deus o fez e não há dois iguais. A miragem está nisto: a gente procura, põe efeito de mil influências, aperfeiçoar o estilo - aperfeiçoar o nariz. No entendimento dessa perfeição é que nos transviamos. Há a estrada real, ampla, macadamizada, freqüentadíssima, e há as picadas que podemos abrir marginalmente no matagal chapotado. Quase todo mundo toma pela estrada e pouquíssimos se metem pelas picadas. Resultado: engrossam-se fileiras do estilo redondo e só um ou outro conserva o nariz que Deus lhe deu. Por aperfeiçoar o estilo temos que entender exaltar-lhe as tendências congeniais, não conformá-lo segundo um certo padrão na moda. O estilo padrão mais em moda hoje desfecha no estilo do jornal, nessa "mesmice" que floresce, igualada no gênio, na cor, no tom, no cheiro, tanto no Monitor Paraense de Belém como na Tribuna do povo de D. Pedrito, e é o mesmo no Estado e no Correio da Manhã. Quem conduz a humanidade e esse estilo é o Mestre-Escola, é o Gramático Letrado, são os mil "Conselheiros" que no decorrer da vida nos vão podando todos os galhos rebeldes para nos transformar naqueles tristes plátanos da Praça da República - árvores loucas de vontade de ser árvores de verdade.

Mas se somos bons jardineiros de nós mesmos, o que nos cumpre é matar as lagartixas, extirpar os caramujinhos e brocas, afogar a terra e bem adubá-la. Em matéria de poda, só a dos galhos secos. E a árvore que cresça como lá lhe determina a vocação. Isso, concordo, é aperfeiçoar o estilo. O mais desnatura-o, troca o nariz natural por um nariz de carnaval. (*A Barca de Gleyre*, 1961, p. 6)

Vale-se de uma expressão utilizada pela ciência da época: evolução.

"O que conserva as línguas e impede que caminhem pela tentadora estrada da evolução, é a escrita." (*Ibid.*, p. 28)

O escritor firma seu saber sobre língua, valendo-se de uma metalinguagem representativa de estudiosos da linguagem da época. Usa, no primeiro trecho, o termo *corrupção* da língua, e isto é da abordagem naturalista; no segundo, usa termos como *fenômenos naturais*, condenando juízos de valor que ele próprio emite:

(...) E acentuaria que o mesmo direito que tiveram os portugueses de corromper o latim e transformá-lo em língua portuguesa, temos nós, letrados, de corromper a língua portuguesa e transformá-la na língua brasi-

CRÍTICA LITERÁRIA I

leira; e tem o iletrado jeca de evoluí-la em outro rumo. (*Prefácios e Entrevistas*, 1956, p. 33)

Quem condena como coisa 'errada' o modo de falar ou a língua do jeca, revela-se curto de miolo. Os modos de variação duma língua são fenômenos naturais, e não há erro nos fenômenos naturais. Erro é coisa humana. (*ibid.*, p. 32)

...político. Cada qual tem o seu e não se discute. (*ibid.*, p.78)

Monteiro Lobato segue os mesmos passos dos estudiosos, embora cheio de imprecisões, naturais no caso do escritor, visto que não é estudioso da linguagem, como se pode observar nas passagens selecionadas, onde, embora não o cite, faz referência ao trabalho teórico de Schleicher que, referindo-se à tese de Darwin sobre a seleção natural dos organismos na luta pela existência, e embasado pela filosofia de Hegel, considera a língua um organismo:

Simplex células da linguagem na qual ainda não existem órgãos especiais para as funções gramaticais como o nome, o verbo, etc., e na qual essas mesmas funções estão ainda diferenciadas, como por exemplo, a respiração ou a nutrição(...) nos organismos."(*op.cit.*, p. 22)

No trecho a seguir, retirado do livro *Emília no País da Gramática*, no diálogo travado entre Narizinho, Emília e o pronome *Eu*, vislumbra-se o conceito defendido por Whitney: a linguagem é um instrumento do pensamento.

Narizinho fez as apresentações.

Tenho muito gosto em conhecê-lo, disse amavelmente o pronome *Eu*. (...) Nada de cerimônias.

E em seguida: Pois é isso, meus caros. Nesta república, vivemos a nossa vidinha, que é importante. Sem nós, os homens não conseguiriam entender-se na terra.

Todas as outras palavras dizem o mesmo, lembrou Emília. E nenhuma está exagerando, advertiu o Pronome *Eu*. Todos somos por igual importantes, porque somos indispensáveis à expressão do pensamento dos homens. (p. 41)

Para concluir pode-se afirmar que Lobato adquiria saberes nos livros de filosofia trazidos da Alemanha e de outros países, pelo tio. Sua posição positivista, que se deixa entrever por meio de seu comportamento, ora conservador, ora progressista, é uma marca dessas correntes filosóficas que lê. À medida que nossa pesquisa avançava, algumas premissas levantadas no início tiveram que ser abandonadas. Pensamos, por exemplo, que os conceitos geneticistas e so-

ciológicos de língua, detectados na metalinguagem de Lobato, tinham sido adquiridos por meio das leituras que o escritor fizera de obras de Schleicher e de Whitney. Contudo, não consta na biografia nenhuma referência ao fato de o escritor consultar tais obras. Não poderia também ter aprendido esses conceitos lendo as gramáticas, pois as consultava com pouca frequência; além disso, quando o fazia, certamente não era para ler os prólogos, mas somente para verificar se as construções lingüísticas que empregara nos seus discursos escritos estavam de acordo com as regras gramaticais.

Geralmente consultava seu amigo Godofredo Rangel quando precisava de informações sobre as regras. Lia Larousse, mas não para buscar definição de língua; além disso, não seria razoável supor que haveria alguma preocupação, por parte do tio, em trazer para o Brasil, informações sobre os estudos de linguagem em andamento na Europa, principalmente na Alemanha, onde vivera. Sabemos que tal interesse parte dos que estão envolvidos com esse assunto, ou seja, os estudiosos da linguagem.

Logo, a única conclusão aceitável é a de que ele recebera influência dessas correntes, na escola, uma vez que os professores e os livros didáticos dos quais estes se valiam para lecionar, apoiavam-se nas propostas trazidas pelos manuais de gramática de Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira e outros.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AUROUX, Silvain. *A Revolução tecnológica da Gramatização*. Trad. Eni Puccinelli. Campinas: UNICAMP, 1992.

———; ORLANDI, Eni. P.; MAZIÈRE, F. L'hyperlangue brésilienne. *Langages, Revue Trimestrielle*, 32 année la rousse, 130 juin 98.

KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Trad. Maria Margarida. Cia. Ed. Nacional, 1955.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras; Schwarcz, 1995.